

## Orquestra de Violões: um caminho para a prática em grupo e o ensino coletivo de violão

*Johnatan Martins de Sousa*  
Universidade Federal da Paraíba - UFPB  
*johnatan.martins.sousa@gmail.com*

*Michel Soares de Araújo*  
Universidade Federal da Paraíba - UFPB  
*michel.soares.guitar@hotmail.com*

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo relatar uma experiência docente como estudante de graduação e professores atuantes junto às atividades de ensino coletivo realizado na Orquestra de Violões da Paraíba (OVPB) em João Pessoa – Paraíba. O relato retrata as dificuldades e desafios que foram surgindo no decorrer das aulas e as possíveis soluções, tomando como base a literatura da área de educação musical, que trata sobre ensino coletivo de instrumento e da educação, sobre formação de professores. O trabalho está dividido em cinco partes: introdução, início das atividades, apresentação final, conclusão e referências. Como resultado é possível destacar as significativas contribuições do projeto para a formação docente dos estudantes de licenciatura que participam do projeto.

**Palavras chave:** Graduação em música, orquestra de violões, ensino coletivo de violão

### Introdução

A Orquestra de Violões da Paraíba (OVPB), grupo camerístico atuante na cidade de João Pessoa desde a década de 90, iniciou uma nova etapa tornando-se projeto de extensão da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Como projeto de extensão do Departamento de Educação Musical a orquestra expandiu sua proposta, que além de grupo artístico, passou a oferecer à comunidade cursos de violão coletivo. Desta forma, a OVPB se tornou um espaço para atuação de alunos dos cursos de licenciatura e bacharelado em música, como também para estudantes de violão de outros espaços com ensino de música, possibilitando a prática de orquestra e a prática pedagógica através das Oficinas de Violão Coletivo que são oferecidas gratuitamente para a população da cidade a cada semestre letivo.

As oficinas promovidas pela orquestra têm como perspectiva teórico-metodológica o ensino coletivo de instrumento, perspectiva essa que vem sendo discutida há décadas e, a partir de nossa experiência, é possível perceber que alguns aspectos desenvolvidos nesse modelo seriam difíceis de serem alcançados através do ensino tutorial. Coletivamente os alunos têm uns aos outros como referência e tem o trabalho em equipe dos professores, que contribui nos aspectos de: dinâmica, pulsação, timbre, entre outros. Neste sentido, Tourinho (2003) aponta:

Na Oficina de Violão extrapola-se a visão de curso e instrumento onde o aluno vai “aprender a tocar”, (seja piano, violão ou quaisquer outros instrumentos) como geralmente se expressa a maioria das pessoas. São cursos de música aplicada ao violão: o aluno, além de tocar, canta, solfeja, faz arranjos, toca de ouvido, toca lendo partitura, utilizando diversos gêneros musicais (TOURINHO, 2003, p.55).

É importante ressaltar que neste processo de ensino-aprendizagem, a OVPB se preocupa com a formação inicial dos alunos participantes das oficinas, tendo em vista que há outros cursos de extensão na própria universidade que darão continuidade na formação musical dos que se interessarem ou desejarem se especializar na área de música.

As oficinas se dividem em dois módulos: um que se destina a pessoas que tem interesse em aprender o instrumento e nunca tiveram oportunidade de começar a aprender; e outro no qual o aluno que já fez o módulo I pode dar continuidade aos seus estudos de violão, podendo aperfeiçoar os conhecimentos básicos adquiridos no estágio anterior. As atividades acontecem em três dias da semana: segunda, terça e quinta. Cada um dos dias em turnos diferentes, onde o aluno pode optar por uma turma. Cada turno disponibiliza duas turmas com aulas de 1 hora e 30 minutos de duração. Normalmente, dois professores (bolsistas ou voluntários do projeto) trabalham juntos por turma/turno, o que auxilia numa prática docente mais consistente onde há mais trocas de experiências entre os educadores e os próprios educandos. No presente trabalho, iremos relatar todo o caminho trilhado nas oficinas desde o início das atividades passando pelo processo de ensino cooperativo entre professores e alunos, e a apresentação final.

## Início das atividades e processo de ensino e aprendizagem

O ensino coletivo de violão, tomado como perspectiva teórico metodológica para o trabalho desenvolvido nas oficinas, tem alcançado significativos resultados em trabalhos com alunos iniciantes, de modo que essa modalidade de ensino vem crescendo e ampliando seus estudos a cada ano. Vários autores dialogam sobre esse assunto e ajudaram a construir nossa reflexão. Dentre eles destaco: Tourinho (2003), Cruvinel (2003) e Santos (2007). Sobre a prática do ensino coletivo por professores, Santos afirma:

No que se refere ao ensino coletivo de instrumento, essa prática tem sido significativamente utilizada por professores de instrumento como forma de proporcionar um ensino mais dinâmico e estimulante, onde os alunos poderão desenvolver suas habilidades técnicas-instrumentais a partir de dinâmicas que favoreçam a troca de informações entre os alunos, a imitação e demais aspectos que motivem sua participação ativa durante as aulas (SANTOS, 2005, p. 02).

É pensando nesses resultados que as atividades desenvolvidas nas oficinas têm como proposta começar com alunos que iniciaram seu aprendizado musical e no instrumento 'do zero', o que de certa forma, torna fácil o trabalho com turmas iniciantes. Nesta etapa, nós professores em formação, recebemos alunos no primeiro dia de aula e fazemos uma roda de "bate-papo" inicialmente, a fim de descobrir os motivos que os levaram a procurar as oficinas de violão para aprender o instrumento. Em um segundo momento, após o "bate-papo", começamos a desenvolver uma pequena atividade com uma música simples, com intuito de que no primeiro dia de aula eles já tenham uma pequena amostra do que irão aprender durante o semestre. A partir do módulo II, a metodologia necessita de um aprofundamento, são retomados alguns conteúdos do módulo I e as atividades começam a ficar mais elaboradas, tendo em vista que os alunos vão se nivelando naturalmente ao longo do semestre letivo. O nível dos alunos é sempre variado nas oficinas e, já que os participantes têm diferentes ocupações pessoais, o que implica diretamente no desenvolvimento musical de cada um. É natural haverem alunos com mais facilidades que outros, ou até mesmo mais interesse pela área de música e violão. Levando esses

aspectos em consideração, temos criado mecanismos para manter o trabalho coletivo com eficiência.

Uma das estratégias que mais funcionaram efetivamente, foi passar atividades extras para os alunos. Por exemplo, para o aluno que sente dificuldade em ritmo, são propostas atividades extras que trabalhem com a subdivisão rítmica incluindo o solfejo. Para o aluno que tenha mais facilidade, são propostas atividades que venham a ampliar suas capacidades. Deste modo, nós procurávamos aproveitar habilidade daqueles que tinham mais facilidade, além de dar um suporte para os alunos que sentiam mais dificuldades naquele momento. Geralmente quando vamos ensinar uma nova música, construímos o arranjo juntos, nós professores e alunos, de modo que cada indivíduo dê sua contribuição de acordo com suas potencialidades musicais do momento. Por exemplo, o aluno que tem dificuldade em executar o ritmo da música, pode fazer os baixos ou os solos da mesma.

Algo importante de frisarmos aqui é sobre a escolha de repertório, geralmente escolhemos as músicas pensando no nível dos alunos e o que pretendemos trabalhar. Em alguns casos notamos a falta de interesse de alguns alunos em estudar determinadas canções, então passamos a ouvi-los e também trabalharmos com sugestões dos mesmos. A partir disso, descobrimos que muitas vezes a falta de interesse ocorria porque alguns alunos não gostavam do estilo musical de algumas músicas propostas. Observando essa questão, tivemos a ideia de dividir com os alunos a escolha do repertório. Assim, uma parte é sugerida pelos professores e outra pelos próprios participantes das oficinas. Sendo assim, de modo compartilhado, os repertórios sugeridos começavam a ser trabalhados em sala de aula.

Além de buscar o interesse dos alunos através do repertório, algo que melhorou muito a motivação dos mesmos no decorrer das aulas, foi o fato de mostrar para eles que os aspectos e detalhes trabalhados em uma música, podem ser aplicados em várias outras músicas também, incluindo o repertório por eles sugerido.

Ressaltamos que esse processo de planejar as atividades em conjunto, se dá também, pela relação das duplas de professores em sala de aula. Sempre com a participação de um colega para ministrar as aulas, as atuações de ambos os professores se tornam mais seguras e fazem

com que os trabalhos fiquem mais dinâmicos, isso porque, um serve de apoio para o outro. Por exemplo, quando um professor está passando um assunto ou atividade para a turma, o outro fica atento e pode dar sua contribuição no que está sendo proposto por seu parceiro e vice-versa. Em cada turma um professor fica liderando e o outro auxiliando. Deste modo, isso também se aplica as outras turmas do projeto. Essa dupla parceria em sala de aula contribui significativamente para nossa formação, haja vista que podemos continuamente aprender e compartilhar conhecimentos com nossos colegas de trabalho.

Os professores que atuam nas oficinas são, em sua maioria, alunos de Bacharelado e Licenciatura em música da UFPB, e é comum uns terem mais experiências que outros com o ensino coletivo ou individual, o que torna mais interessante o processo de ensino/aprendizagem nas oficinas, porque além de aprenderem ensinando, eles também têm a oportunidade de aprender com os seus colegas de instrumento, tanto antes, como durante e depois das aulas. Geralmente cada dupla planeja as aulas e os assuntos que serão aplicados com cada turma durante a semana, e, em algumas situações, não temos convicção se o que planejamos vai funcionar ou não nas aulas. A partir deste aspecto, vamos experimentando atividades e estratégias de ensino, das quais, sempre analisamos e avaliamos após as aulas. Deste modo, unindo os nossos conhecimentos, vamos construindo nossa identidade profissional enquanto docentes em formação da área de música. Neste sentido, conforme aponta Pimenta (1997):

[...] Espera-se, pois, que mobilize os conhecimentos da teoria da educação e da didática, necessários à compreensão do ensino como realidade social e, que desenvolva neles, a capacidade de investigar a própria atividade para, a partir dela, constituírem e transformarem os seus saberes-fazeres docentes, num processo contínuo de construção de suas identidades como professores (Pimenta, 1997, p. 6).

É nesse caminho de compreender a realidade das aulas e das situações que buscamos mobilizar nossos conhecimentos teórico-metodológicos para passarmos pelos diversos desafios que surgem, esses desafios são experiências que vão nos ajudando a construir nossos saberes-fazeres docentes.

São essas experiências que vão nos dando base para trabalhar com o ensino coletivo, buscando estratégias e procedimentos adequados para cada situação de aula. Desse modo, podemos dizer que o trabalho coletivo nas oficinas já é praticado a partir do primeiro encontro, e este não é apenas feito pelos professores, mas também pelos alunos, através de discussões fomentadas pelos próprios educadores em formação a respeito das músicas que estão sendo propostas e tocadas em sala de aula. Assim, alguns alunos vão começando a se soltar e já começam a conversar entre si sobre aspectos técnicos que podem ser melhorados nas atividades, sugerindo alternativas para as dificuldades encontradas nas tarefas executadas em aula.

Outro importante ponto onde ocorre o ensino “colaborativo”, é o uso de alguns recursos tecnológicos como *smartphones* e os aplicativos que podem ser instalados neles. Durante as oficinas, tentamos potencializar os conhecimentos que estamos passando, e também a motivação dos alunos, criando grupos no aplicativo “*whatsapp*”, plataforma de mensagens com capacidade para envio de áudios, vídeos e alguns arquivos de texto. Estes grupos por sua vez se tornam espaços muito enriquecedores, porque além de compartilharmos informações importantes a respeito das aulas, também podemos aproveitá-los como espaços “tutoriais”, onde os alunos podem tirar as dúvidas que surgem fora de sala de aula. Quando acontecem as situações de dúvidas, os professores gravam vídeos ou áudios sobre as músicas e exercícios praticados em sala de aula como: ritmos das canções, dicas de técnicas para execução das mesmas e outros questionamentos que geralmente surgem. Nessa perspectiva, Moura (2009), afirma que “os materiais se complementam fornecendo subsídios para que os estudantes consigam interpretar o conteúdo e tocar o instrumento sem que o professor esteja presente, como ocorre no ensino convencional” (MOURA, 2009, p.4).

A partir dessa dinâmica, as aulas se tornam mais interativas e trazem resultados concretos, tendo em vista que os alunos não ficam restritos à aula presencial. Através desse meio de comunicação virtual, é possível criar maior interação entre: alunos x alunos e alunos x professores, resultando num maior aproveitamento do aprendizado coletivo dentro das oficinas de violão da OVPB. Assim sendo, concordamos com o que diz Moura (2009):

Tendo em conta o formato dos materiais virtuais de ensino e a maneira como são concebidos, o intuito é que os alunos consigam dominar o conteúdo produzindo conhecimentos musicais e desenvolvendo competências através do exercício da autonomia. (Moura, 2009, p.6)

As oficinas têm buscado com suas estratégias teórico-metodológicas, fomentar a motivação e autonomia nos participantes de suas atividades como ressalta Moura (2009), “[...] a pretensão não é centrar o ensino no professor ou no aluno, mas que o trabalho coletivo a distância também incentive a prática de uma cultura de autoaprendizagem” (MOURA, 2009, p.6).

## **Apresentação final**

Ao final do semestre, o projeto das oficinas promove uma apresentação final com todas as turmas e seus professores. Neste dia, todos os envolvidos mostram os resultados do semestre letivo. Os alunos geralmente convidam seus familiares e os professores fazem convites a colegas de curso e outras pessoas ligadas a área de música. Ao iniciarem as apresentações, as turmas contam com o auxílio de seus professores na performance final, o que também faz parte do processo, pois também é abordada a questão da performance ao longo de todo trabalho desenvolvido junto aos alunos.

Também são feitas apresentações individuais, estas, acontecem de acordo com a desenvoltura e segurança que cada aluno sente para estar no “palco”. Os professores trabalham as músicas e arranjos dos alunos que optam também por se apresentarem como solistas. Todas estas etapas finais têm como objetivo a preparação dos participantes para lidar não apenas com o violão como forma de entretenimento, mas também como ferramenta para socializar e integrar grupos musicais, entre estes, a própria OVPB.

Neste sentido, ao longo das apresentações, nós docentes em formação integrantes do projeto junto com o suporte da universidade, vamos comentando entre uma apresentação e outra, como se deu o processo para a apresentação e o resultado alcançado pelos alunos. Discutimos também quais foram as dificuldades enfrentadas pelos alunos, por nós professores em formação e pelo projeto da OVPB que busca estruturar os aspectos de ensino coletivo, formação e troca de saberes.

## Conclusão

A Orquestra de violões da Paraíba tem buscado difundir o violão e a prática em conjunto a partir do ensino coletivo que tem sido desenvolvido com as oficinas. Nesta direção, tem trabalhado sistematicamente com metodologias e práticas alternativas aos métodos tradicionais de ensino do instrumento e nós participantes do projeto, percebemos o quanto é enriquecedor para a nossa formação ter a oportunidade de ter a experiência com um trabalho significativo como este da OVPB. A partir do envolvimento com as atividades das oficinas de violão coletivo, notamos que é importante ter preparação pedagógica para poder levar um ensino de qualidade e com ludicidade do instrumento para o público participante do projeto.

Neste trabalho das oficinas estamos sempre dialogando sobre metodologias, aplicações práticas das atividades, abordagens didáticas e o feedback dos alunos em relação as vivências acontecidas nas aulas, que são os resultados finais dos planejamentos feitos e pensados para a execução das atividades em sala de aula. Então a partir das propostas e das concepções que regem o projeto e as atividades nele desenvolvidas, nós futuros professores, podemos vivenciar através desse espaço formativo, experiências compartilhadas e constituídas a partir do trabalho pedagógico desenvolvido no projeto pela equipe executora, constituída pela coordenação do mesmo e pelos bolsistas e voluntários atuantes. Desse modo, buscamos articular nosso arsenal de conhecimento, adquirido no decorrer do curso de licenciatura e bacharelado, para aliá-los às nossas experiências profissionais. Os resultados são: maior capacitação profissional, musical, troca de saberes através de parceiros docentes em formação, troca de saberes e experiências diversas com alunos participantes do projeto, planejamento e discussões com a equipe responsável pelo mesmo em busca dos melhores caminhos para trabalhar com o ensino coletivo de violão.

Este trabalho buscou relatar como vem ocorrendo as atividades da Orquestra de Violões da Paraíba ligadas ao ensino coletivo, com base nos relatos dos professores em formação das próprias oficinas. Desta forma, esperamos que este trabalho contribua para os estudos

relacionados a área do ensino coletivo, bem como futuros trabalhos que serão realizados pelo próprio projeto.

## Referências

CRUVINEL, Flávia Maria; LEÃO, Eliane. O ensino coletivo na iniciação instrumental de cordas: uma experiência transformadora. In: Encontro anual da ABEM, 12 - ABEM, 2003. Florianópolis-SC. *Anais...* Florianópolis: ABEM, 2003, p. 326-333.

MOURA, Risaelma de Jesus Arcanjo. Ensino coletivo de violão: possibilidades para a aprendizagem colaborativa e cooperativa em EAD. *RENOTE - Revista de Novas Tecnologias na Educação*, v.7, n.2 (2009).

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores - saberes da docência e identidade do professor. *Nuances*, Vol. III, 1997, p. 5-14.

SANTOS, Carla Pereira. Ensino coletivo de instrumento: uma experiência junto ao grupo de flautas do Projeto Musicalizar é Viver. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 16., CONGRESSO REGIONAL DA ISME NA AMERICA LATINA, 2007. Campo Grande. *Anais...* Campo Grande: ABEM, 2007. p. 01-06.

TOURINHO, Ana Cristina G. dos Santos. A formação de professores para o ensino coletivo de instrumentos. In: Encontro anual da ABEM, 12 - ABEM, 2003. Florianópolis-SC. *Anais...* Florianópolis: ABEM, 2003, p. 51-57.